

# Escassez de aço afeta 84% de empresas da construção

Levantamento da entidade nacional ligada ao segmento mostra ainda que preços de insumos subiram e prazo de entrega chega a até 90 dias

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (Cbic) elaborou um levantamento com construtoras de todo o país para verificar escassez de insumos. Entre 206 empresas consultadas, 84% disseram que há desabastecimento de aço. A Cbic perguntou ainda quais materiais têm prazo de entrega maior que o habitual. Para 82,9% a resposta foi o aço. Questionadas sobre prazo médio de entrega das usinas, 39,3% responderam “entre 30 e 60 dias” e 25,7% responderam “entre 60 e 90 dias”.

“Nossa perspectiva é muito positiva para a construção civil em 2021, principalmente devido ao desempenho do mercado imobiliário. Representamos uma atividade reconhecida como motor do desenvolvimento neste momento tão difícil. Assim, nos preocupa que o cenário favorável de taxas de juros baixas, disponibilidade de financiamento imobiliário e maior valorização



JCOMP / FREEPIK / CP

Item é essencial para estruturas

do imóvel como investimento seguro seja contaminado pela pressão da elevação abusiva de preços de insumos”, ressaltou o presidente do Sinduscon-RS, Aquiles Dal Molin Junior. “As empresas estão fazendo um esforço enorme para não repassar esta conta ao mercado”, concluiu.

O aumento de preço do mate-

rial de construção tem sido destaque no cálculo do CUB-RS, divulgado mensalmente pelo Sinduscon-RS. Nos últimos 12 meses fechados em fevereiro, nos itens que representam 51,67% do custo total do CUB-RS a elevação de preços foi de 37,23%. O aço foi o maior destaque no ranking dos aumentos (93,33%), seguido de fios (91,6%), esquadrias de Alumínio (76,65%), tubos de ferro galvanizado (46,89%), esquadrias de ferro (45,94%), tubos de PVC (44,25%) e tijolos (35,48)%.

A Cbic informou em nota que em reunião recente no Ministério da Economia propôs reduzir o imposto sobre importação do aço. “Precisamos de um choque de oferta para restabelecer o equilíbrio entre oferta e demanda”, disse José Carlos Martins, presidente da entidade, que apresentou ao secretário de Produtividade, Emprego e Competitividade, Carlos da Costa, os resultados do levantamento.

# Desabastecimento de aço atinge 84% das empresas, diz pesquisa

Sinduscon-RS vê cenário positivo puxado pelo mercado, mas lamenta pressão dos insumos

## / CONSTRUÇÃO CIVIL

A Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC) realizou um levantamento com construtoras de todo o país para verificar a real situação do problema da escassez de insumos. Entre as 206 empresas consultadas, 84% disseram que há desabastecimento de aço em suas regiões. A CBIC também perguntou às empresas quais materiais estão com o prazo de entrega maior que o habitual. Para 82,9% delas, a resposta foi o aço. Questionadas sobre o prazo médio de entrega das usinas em suas regiões, 39,3% das empresas responderam “entre 30 e 60 dias” e 25,7% responderam “entre 60 e 90 dias”.

Na terça-feira, durante reunião no Ministério da Economia com representantes da cadeia produtiva do aço e entidades representativas dos principais compradores do país, a CBIC propôs ao governo a redução do imposto sobre a importação do aço para tentar resolver o problema do desabastecimento. “Precisamos de um choque

de oferta para restabelecer o equilíbrio entre a oferta e a demanda. Nossa proposta é a redução imediata do imposto de importação”, disse José Carlos Martins, presidente da entidade. A CBIC apresentou ao secretário de Produtividade, Emprego e Competitividade, Carlos da Costa, os resultados de sua pesquisa com empresários mostrando a percepção deles em relação ao desabastecimento. Para Martins, enquanto a oferta e a demanda não forem normalizadas não será possível estabilizar preços.

O desabastecimento e a insegurança com relação aos custos de vários materiais podem prejudicar a atividade da construção, que no início do ano projetava crescer 4% em 2021 e gerar 200 mil novas vagas de empregos. “Nossa perspectiva é muito positiva para a construção civil em 2021, principalmente devido ao desempenho do mercado imobiliário. “Representamos uma atividade reconhecida como o motor do desenvolvimento da economia neste momento tão difícil. Assim, nos preocupa que o



JOYCE ROCHA/ARQUIVO/JC

No RS, preço do aço registrou elevação de 93,33% em 12 meses

cenário favorável de taxas de juros baixos, disponibilidade de financiamento imobiliário e uma maior valorização do imóvel como investimento seguro, seja contaminado pela pressão de uma elevação abusiva dos preços dos insumos”, ressalta o presidente do Sinduscon-RS, Aquiles Dal Molin Junior. “As empresas estão fazendo um esforço enorme para não repassar esta conta ao mercado”, concluiu.

O aumento de preços de materiais na construção civil tem sido um destaque no cálculo do CUB-RS, divulgado sempre no primeiro dia último de cada mês pelo Sinduscon-RS. Nos últimos 12 fechados em fevereiro deste ano, nos materiais, que representam 51,67% do custo total do CUB-RS, a elevação de preços foi de 37,23%. O aço realmente foi o destaque no ranking dos aumentos (93,33%).-

+ ECONOMIA

MARTA SFREDO

marta.sfredo@zerohora.com.br

Com Camila Silva | camila.silva@zerohora.com.br



## Ceticismo cerca mudança no discurso de Bolsonaro

Três dias depois da circulação do manifesto que defende a avaliação da “necessidade de adotar um lockdown nacional ou regional”, o presidente Jair Bolsonaro anunciou ontem a criação de um comitê nacional para coordenar o combate à pandemia. Era uma das quatro propostas do documento que já tem 1,5 mil assinaturas, inclusive de boa parte da elite econômica.

Mas o ceticismo que cerca a recente mudança de discurso de Bolsonaro, somado a informações de bastidores sobre a tensa reunião que concluiu com o anúncio, provocou queda de 1% na bolsa e alta de 2,25% no dólar ontem.

E embora a criação dessa coordenação seja o resultado mais imediato da pressão econômica, reforçada pelos líderes do Congresso, ainda há expectativa de outros desdobramentos.

Um deles envolve a solução de problemas indiretamente ligados a medidas sanitárias: a substituição dos ministros das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, e do Meio Ambiente, Ricardo Salles. Necessitado de ajuda externa, tanto para destravar a compra e a entrega de vacinas quanto para obter medicamentos que começam a faltar nos hospitais, o Brasil precisa de mudança drástica na imagem externa. Um dos relatos sobre a reunião de ontem foi uma dura cobrança a Araújo do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL).

Fontes de países aos quais o governo Bolsonaro recorreu confirmam o pedido de apoio para a aquisição de vacinas e medicamentos para entubação. Mesmo falando de forma reservada, usam linguagem diplomática: dizem que a situação da pandemia

no Brasil virou assunto para monitoramento contínuo, inclusive para medidas de socorro. O diagnóstico é de que o país está em “fase perigosa”.

Mas destacam que, em suas nações de origem, a vacina é “parte significativa” do combate ao coronavírus,

mas não a única, no esforço de “proteger cidadãos e reduzir mortes e infecções”.

Conforme a expectativa de parceiros internacionais relevantes para o Brasil, há expectativa de que os novos contratos (a compra de doses da Pfizer e da Janssen) e o “enfoco nas medidas preventivas” contribuam para melhorar a situação. Um ministro do Meio Ambiente com reconhecido compromisso de preservação e um chanceler hábil ajudariam muito a obter a ajuda necessária e urgente.

**GZH**  
Leia outras colunas em [gauhazh.com/martasfredo](http://gauhazh.com/martasfredo)



## Mais reciclagem para os plásticos

A Braskem vai produzir resinas para fabricação de produtos de plástico utilizando matérias-primas alternativas e mais sustentáveis no polo petroquímico de Triunfo.

A principal matéria-prima da companhia é a nafta, um derivado de petróleo, que enfrenta dupla pressão: a do preço do barril e a ambiental. Há um mês, a Braskem anunciou a expansão da unidade que produz resina a partir de etanol de cana-de-açúcar. Outra matéria-prima alternativa é o óleo de pirólise, resultado de reaproveitamento de plásticos difíceis de reciclar de forma mecânica, a mais usada para reutilizar esses resíduos.

O processo desenvolvido pela companhia obteve a Certificação Internacional de Sustentabilidade e Carbono (ISCC Plus), como sinal de reconhecimento de atividade sustentável.

Neste ano, a companhia pretende continuar testando novas matérias-primas. Além do polo gaúcho, a unidade da empresa no Grande ABC, em São Paulo, também foi certificada para esse tipo de produção. Segundo Luiz Alberto Falcon, responsável pela plataforma de reciclagem da Braskem, iniciar a produção com esse tipo de matéria-prima significa ampliar a venda de resinas e produtos químicos mais sustentáveis.

### ANOSSAPARTE



## Esforço conjunto para drive-thru

O esforço para vacinação em Porto Alegre tem apoio empresarial. Profissionais da Droga Raia vão aplicar vacinas no drive-thru no estádio Beira-Rio a partir de hoje. O atendimento vai até sábado, das 9h às 17h, com cooperação do Internacional, claro. A Droga Raia já adiantou que o número de postos poderá ser ampliado, conforme a necessidade dos órgãos de saúde do município. A Coca-Cola Femsu doou

quatro refrigeradores para três postos drive-thru, nos estacionamento dos Big Sertório e BarraShoppingSul e na PUCRS. O presidente da empresa, Ian Craig, deu o tom: — Desde o agravamento da situação, a companhia está contribuindo com as instituições e o sistema de saúde. A intenção é somar esforços ao poder público para reduzir os impactos sanitários, sociais e econômicos.

## Debandada

A Petrobras confirmou, no início da noite de ontem, que quatro integrantes da diretoria vão sair da estatal, sob nova direção a partir de 12 de abril. A informação circulava no mercado. Saem Andrea Almeida, Financeira e de Relacionamento com Investidores, André Chiarini, de Comercialização e Logística, Carlos Alberto Pereira de Oliveira, de Exploração e Produção, e Rudimar Lorenzatto, de Desenvolvimento da Produção.

## US\$ 1,65 bi

o equivalente a R\$ 9 bilhões, foi o preço da primeira venda de refinaria da Petrobras, a Landulfo Alves, na Bahia. Foi aprovada ontem para o Mubadala Brasil, ligado ao fundo soberano de Abu Dhabi. A Federação Única dos Petroleiros (FUP), que representa os funcionários, diz que a quantia é abaixo do valor de mercado.

**DECLARAÇÃO FEITA ONTEM PELA ATUAL VICE-PRESIDENTE DA ARGENTINA, CRISTINA KIRCHNER, CAUSOU CALAFRIOS AOS EXPORTADORES GAÚCHOS. CRISTINA AFIRMOU QUE O PAÍS NÃO TEM DINHEIRO PARA BANCAR OS PAGAMENTOS QUE DEVE AO FUNDO MONETÁRIO INTERNACIONAL (FMI). A ARGENTINA TENTA NEGOCIAR COM O FUNDO.**

## Falta aço para 84% das empresas

Levantamento com 206 empresas da Câmara Brasileira da Indústria de Construção (Cbic) resultou em dado alarmante: falta aço para 84% do setor. E o prazo de entrega chega a 90 dias para um quarto das encomendas. Com esse dado na mão, a entidade voltou a propor ao Ministério da Economia a redução do imposto sobre a importação do aço para tentar resolver o problema.

Segundo José Carlos Martins, presidente da Cbic, enquanto a oferta e a demanda não forem normalizadas não será possível estabilizar preços. No Rio Grande do Sul, o presidente do Sinduscon-RS, Aquiles Dal Milin

Junior, diz que há “perspectiva muito positiva” para a construção civil em 2021, mas há temor de que “seja contaminada pela pressão de uma elevação abusiva dos preços dos insumos”.

Conforme o Sinduscon-RS, o pacote de materiais de construção refletidos no indicador CUB-RS subiu 37,23% nos últimos 12 meses, movimento que começou ainda no último trimestre do ano passado. Entre março de 2020 e fevereiro passado, o aço subiu 93,33%, as esquadrias de alumínio aumentaram 76,65% e os tubos de PVC ficaram 44,25% mais caros, entre outros saltos dessas magnitudes.

# Economia com Giane Guerra.

**Multimídia:**

**<http://midia.smi.srv.br/audio/2021/05/24/RDIOGACHAFM9>**

**37RS-14.56.32-14.59.32-1621880868.mp3**

ECONOMIA

# No Dia da Indústria, ordem é sair fortalecido

Dirigentes de entidades lembram 25 de maio destacando o aprendizado diante de crises e a adaptação às dificuldades

**B**asta olhar para o lado. A maçaneta da porta pela qual passamos todos os dias, a roupa que nos veste, o veículo que nos transporta, os talheres que usamos e até mesmo o computador que escreve o texto. Tudo passou pelo processo de produção de uma fábrica. Difícil, portanto, imaginar a vida sem este setor, fundamental para a sociedade. Hoje é comemorado o Dia Nacional da Indústria, área que representa 20,4% do Produto Interno Bruto (PIB) do país. A data para homenagear o segmento foi escolhida em referência ao patrono da indústria nacional, Roberto Simonsen, que morreu no dia 25 de maio, no ano de 1948. Simonsen foi engenheiro industrial, administrador, professor, historiador e político, além de membro da Academia Brasileira de Letras (ABL), presidente da Confe-

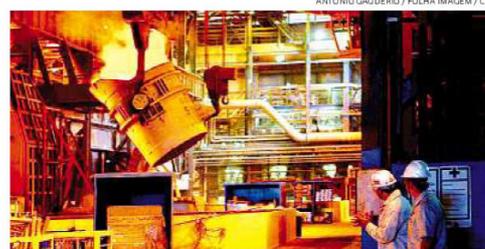
deração Nacional da Indústria (CNI) e da Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp).

Segundo dados informados pela CNI, o setor responde por 69,2% das exportações de bens e serviços, por 69,2% do investimento empresarial em pesquisa e desenvolvimento e por 33% dos tributos federais, exceto receitas previdenciárias. Para cada R\$ 1 produzido na indústria são gerados R\$ 2,43 na economia como um todo. Como exemplo, nos demais setores o valor gerado é menor: R\$ 1,75 na agropecuária e R\$ 1,49 no comércio e nos serviços. O Rio Grande do Sul tem Produto Interno Bruto (PIB) industrial de R\$ 89 bilhões, o equivalente a 6,8% da indústria nacional. Atualmente emprega 777.301 trabalhadores.

A pandemia que afetou todos os segmentos de trabalho no mundo inteiro impactou igual-

mente a indústria gaúcha, mas o presidente da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (Fiergs), Gilberto Porcello Petry, lembra que o setor vive em constante processo de adaptação. E para se manter competitivo de março de 2020 para cá não foi diferente. "As empresas precisam de estratégias em diversas áreas e não apenas nos processos de produção. Hoje em dia, questões, entre outras, como logística, concorrência, comunicação, qualificação e relações governamentais podem fazer a diferença para manter ou agregar um novo cliente. A pandemia afetou todos esses segmentos", observou. Petry lembrou que o frete marítimo ficou dez vezes mais caro e as compras on-line também exigiram mais agilidade para entrega e devolução, o que aproxima as fábricas dos clientes finais.

Conforme analisou o presidente da Fiergs, a indústria sairá fortalecida da crise. "Mesmo com a forte subida do preço dos produtos agrícolas não paramos de produzir alimentos, não tivemos supermercados com prateleiras vazias, o abastecimento do mercado interno foi mantido. Em setembro do ano passado a indústria gaúcha já produzia uma quantidade maior do que no período pré-pandemia", recorda Petry, reconhecendo que 2020 terminou com queda de 5,5%, consequência dos resultados de março, abril e maio. Para 2021 a expectativa é melhor. "Esperávamos um primeiro trimestre com setor de comércio e serviços, que representam mais de 60% do PIB, ainda sentindo os impactos da pandemia, e projetamos uma recuperação mais intensa no segundo semestre com o avanço da vacinação. Para o Rio Grande do Sul esperamos uma forte recuperação na produção agrícola", assinalou.



Sector industrial responde por 69% do investimento empresarial no país

## No ramo da celulose, papel social

Durante a pandemia de coronavírus, empresas como, por exemplo, a CMPC, indústria do ramo de fabricação de celulose e papel, encontraram um desafio quádruplo, como explica o diretor-geral Maurício Harger: "Produzir matéria-prima para a fabricação de produtos essenciais, preservar a saúde e a segurança dos nossos colaboradores e prestadores de serviços, assegurar o emprego e a renda de mais de 6,6 mil profissionais e, além disso, atuar de forma solidária nos mais de 70 municípios do Estado em que mantemos atividades industriais, florestais ou portuárias". Segundo Harger, um planejamento estratégico bem estruturado e executado evitou cortes de pessoal. "Inclusive contratamos novos profissionais em diferentes áreas. A CMPC está sempre atenta às oportunidades de tudo que envolve a operação, sempre buscando qualificar a performance", salientou. Para este ano a empresa prevê lançar o seu Programa de Fomento, para beneficiar produtores rurais e a biodiversidade do RS.

"O objetivo é estimular os pequenos, médios e grandes. Será o primeiro negócio inclusivo da

bioeconomia do Brasil, levando aos produtores todo o apoio necessário para um novo ciclo de desenvolvimento", adianta o diretor. Também estão abertas as inscrições para o fundo Valor Local, ação desenvolvida pela empresa que visa a financiar iniciativas de desenvolvimento em 45 municípios onde a empresa possui operação prevista para o ano de 2021. Além disso, desde o início da pandemia a CMPC fez doações de máscaras, de equipamentos de proteção individual (EPI's), cestas básicas e outros equipamentos.

Harger destacou ainda que a indústria tem um papel de olhar para o futuro e para as pessoas: "Neste sentido a CMPC possui práticas que certificam essa atuação voltada ao desenvolvimento sustentável. Hoje a empresa conta com 6,6 mil empregos diretos e indiretos permanentes, mas nossa operação é responsável por gerar 45 mil empregos induzidos na economia do Estado. Anualmente investimos R\$ 1 bilhão na compra de produtos e serviços". A celulose é matéria-prima de produtos diversos como papéis de higiene e limpeza, fraldas descartáveis, absorventes e embalagens.



Alcool de uso hospitalar foi um dos itens com grande aceleração na produção

## Inovação marca área química

Inovar sempre mais, mudar paradigmas e atualizar processos. Comuns à indústria, se tornaram fatores ainda mais relevantes no segmento em que atua o presidente do Sindicato das Indústrias Químicas no Estado do RS (Sindiquim-RS), Newton Battastini. Houve menos demissões que em outras áreas, mas a pandemia exigiu adaptações. "Empresas que atendem hotelaria e restaurantes tiveram queda na demanda, e a recuperação vem lenta por causa do abre e fecha do mercado. Vendas de tintas e adesivos também caíram no início do ano passado, mas depois voltaram a se manter", relata.

O preço das matérias-primas para a fabricação é um desafio também na indústria química, que depende do que é produzido exterior, diz Battastini. "O aumento do dólar e o consumo mundial afetam nos produtos acabados. Nos supermercados que vendem a linha doméstica, acaba aumentando o preço por causa disso, mesmo a indústria repassando somente uma parte

do valor final", explica.

O presidente do Sindiquim-RS vê de forma positiva o novo sistema de distanciamento controlado no RS, que faz com que as regiões abram as atividades econômicas de acordo com seus contextos. "Se houver consumo haverá mais demanda, seja qual for a indústria. Por exemplo, aumentou em 60% a demanda de embalagens plásticas porque muita gente está usando, e quando se entra em um comércio tudo vem em plásticos", lembra.

Battastini se orgulha de trabalhar na indústria química, um setor responsável, inclusive, pela fabricação de álcool em gel, máscaras e equipamentos médicos e hospitalares, tão necessários neste período marcado por cuidados e protocolos com a saúde devido à pandemia do coronavírus. "Tenho orgulho. Dependemos muito do exterior, mas com tudo isso sabemos que o país que não tem uma indústria química forte não terá um bom desenvolvimento. Temos que acreditar na indústria e na química", reiterou o dirigente.

## Construção civil reagiu rápido aos desafios

O Otimismo também está presente na fala do presidente do Sindicato da Indústria e da Construção Civil do RS (Sinduscon), Aquiles Dal Molin Júnior. Segundo ele, o segmento mais representativo da indústria gaúcha, com 17%, foi um dos que mais souberam reagir à chegada da pandemia. "Bem no início de 2020 houve redução da atividade econômica, mas o setor se recuperou até o final do ano passado, se mantendo em bom nível. A expectativa é promissora, pela abrangência de sua cadeia produtiva e pelo número de empregos que a construção civil oferece. Tem características para ser a locomotiva da retomada do desenvolvimento", afirmou.

O Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) registrou um saldo líquido de

**25 mil**

empregos criados. Este é o saldo de vagas do segmento na leitura mensal, segundo o Caged.

empregos de 25.020 vagas (1,06%) na Construção Civil no país em março deste ano. No Rio Grande do Sul, o saldo chegou a 673 postos de trabalho (0,50%). Em Porto Alegre foram 141 vagas (0,49%).

Aquiles enumerou três fatores para o setor ter seguido firme, mesmo com a pandemia. "Com a necessidade de ficar em casa as pessoas observaram que pre-

cisavam melhorar as suas casas pela qualidade de vida e para adaptar o lugar onde moram como espaço também de trabalho. Os juros, que baixaram de 9%, 10% para 2%, são os mais baixos da história do financiamento imobiliário, incentivando a aquisição de imóveis. Aliado a isso a baixa atratividade das aplicações e a troca do investimento em poupança, que não rende como antes, por uma moradia melhor", frisou. Apesar do aumento no valor de insumos como cobre, aço e cimento, o presidente do Sinduscon-RS prevê aquecimento do mercado entre o final de 2021 e início de 2022: "Os planos adiados durante a pandemia vão se realizar. A economia real vai funcionar e a questão toda será trabalhar para o consumidor encontrar a satisfação".

OBRAS EM PORTO ALEGRE

# Construção civil na Capital em ritmo aquecido de retomada

Em abril, taxa de velocidade de venda sobre oferta avançou para 10,4%, maior resultado nos primeiros quatro meses do ano

**ANDERSON AIRES**  
anderson.aires@zerohora.com.br

O setor da construção civil segue aquecido em Porto Alegre nos primeiros meses deste ano ainda na esteira do bom momento registrado no segundo semestre de 2020. Em abril, a taxa de velocidade de vendas de imóveis novos, resultado da relação das vendas sobre as ofertas, subiu para 10,4% – a maior nos quatro primeiros meses do ano. O setor ficou no azul em estoque, vendas e lançamentos no primeiro quadrimestre de 2021, segundo dados de pesquisa do Sindicato da Indústria da Construção Civil no Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS). O levantamento da entidade é realizado em parceria com a Alphaplan – Inteligência em Pesquisas e a Órulo.

O bom desempenho do setor com sinais de retomada já vinha sendo observado desde setembro de 2020, quando a nova pesquisa do Sinduscon-RS foi reformulada e divulgada, mas ganhou ritmo no primeiro quadrimestre de 2021, principalmente em março e abril.

O presidente do Sinduscon-RS, Aquiles Dal Molin Júnior, cita os juros baixos, a procura por novos espaços para melhorar a qualidade de vida e o uso do imóvel como investimento entre os principais fatores que explicam a manutenção do bom momento. Segundo o executivo, esse aumento de demanda é diversificado, sendo registrado tanto em habitações mais populares quanto em imóveis de luxo.

– A taxa Selic ainda está baixa. Baixa no sentido de que consegue colocar no mercado muitas pessoas que, pela análise de crédito em

“No ano passado, já se percebeu um mercado formiga, que a gente chama, de compra de materiais e de pequenos serviços, mas também tem um movimento no sentido de morar melhor. De você trocar de imóvel.”

**ALBERTO AJZENTAL**  
Coordenador do curso de Negócios Imobiliários da FGV

relação ao seu ganho e à prestação, podem sonhar com a casa própria – afirma Molin Júnior.

## Comportamento

O professor Alberto Ajzental, coordenador do curso de Negócios Imobiliários da FGV, reforça que a taxa Selic em níveis baixos é o fato mais relevante para o cenário de boas condições para a construção civil. No entanto, Ajzental cita a influência de uma parcela da população que vê a necessidade de morar melhor diante do maior tempo em casa na pandemia:

– No ano passado, já se percebeu um mercado formiga, que a gente chama, de compra de materiais e de pequenos serviços, mas também tem um movimento no sentido de morar melhor. De você trocar de imóvel. Às vezes, até de configuração no caso de quem tem mais dinheiro, que consegue escolher exatamente aquilo que quer, com home office etc.

Pensando nas melhores condições de juros e

na mudança de comportamento dos consumidores, empresas buscam se adequar à demanda. O CEO da Cyrela na Regional Sul, Rodrigo Putinato, reforça que o setor segue aquecido no embalo da segunda metade do ano passado, mas não em níveis mais elevados, como na região Sudeste.

– O produto normal, digamos assim, está com um giro bacana, bom em relação à oferta que a gente tem, mas não é ainda como São Paulo e Rio de Janeiro. Mas a gente está achando que esse ano vai ser muito bom. Tanto que estou com uma projeção de lançamentos bastante alta aqui na cidade (Porto Alegre) – afirma Putinato.

Destacando a importância da manutenção de juros mais baixos, a procura por mais comodidade e retorno mais atrativo no investimento em imóveis, o diretor de Incorporação da Melnick Even, Marcelo Guedes, cita a importância de se adequar às novas demandas:

– A gente tem estado muito atento para as características da nova moradia. Ou seja, procurando entender as demandas, as necessidades dos nossos clientes – destaca.

O bom desempenho do setor também se reflete no mercado de trabalho. A construção abriu 3.597 vagas de emprego com carteira assinada nos primeiros quatro meses do ano no Rio Grande do Sul, com desempenho positivo em todos os meses, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). No ano passado, no mesmo período, o setor fechou 3.399 postos.

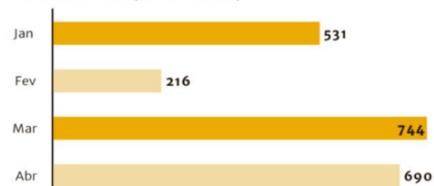


## O desempenho em 2021

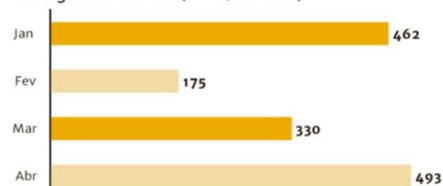
Estoque geral de imóveis (em unidades)



Vendas do mês (em unidades)



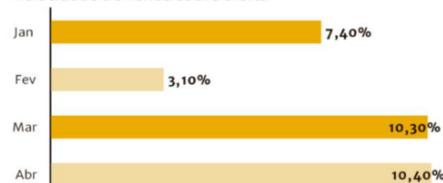
Valor geral de vendas (em R\$ milhões)



Lançamentos (em unidades)



Velocidade de venda sobre oferta



Obs.: Os gráficos não guardam proporção entre si. Fonte: Sinduscon-RS, Alphaplan – Inteligência em Pesquisas e Órulo

## De olho nos preços dos insumos do setor

A preocupação em relação ao aumento do preço dos materiais de construção ronda o setor. Em razão da alta procura e do impacto da pandemia sobre a produção, alguns produtos, como aço e cobre, registraram salto nos preços, segundo integrantes do segmento.

O presidente do Sinduscon-RS, Aquiles Dal Molin Júnior, estima que o setor deverá continuar com bom desempenho até o final do

ano, mas destaca o receio sobre o efeito desse aumento de custos:

– Nossa perspectiva é que continue com demanda alta. Ou seja, que o mercado continue aquecido e havendo apenas certa atenção das empresas em relação ao aumento do custo dos materiais, que tem sido muito acima da inflação, trazendo preocupação em relação aos novos lançamentos.

O professor Alberto Ajzental, da

FGV, afirma que a alta do Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) é relevante, mas que essa elevação deverá recuar, arrefecendo o impacto nas obras, que costumam ocorrer em períodos longos.

– É ruim que o INCC suba, mas acredito que ele deva retroagir na hora em que voltar o equilíbrio, a oferta, a produção a distribuição das commodities no mundo inteiro – avalia Ajzental.

OPINIÃO DA RBS

## BONS SINAIS NA CONSTRUÇÃO CIVIL

A construção civil é, sem dúvida, um dos setores mais importantes da economia. Tanto por sua participação relevante no PIB, incluindo a capacidade de irradiar reflexos na cadeia de insumos e serviços, quanto pelo fato de ser um segmento intensivo de mão de obra. Se vai bem, o que se espera é uma geração considerável de postos de trabalho. Por todas estas razões, é extremamente positivo que a atividade venha demonstrando sinais robustos de recuperação, que surgiram ainda a partir de meados do ano passado.

Reportagem publicada ontem em Zero Hora mostra que o momento positivo observado no país se repete no Estado e na Capital. Em um período de taxas altas de desocupação, o setor acumula no Rio Grande do Sul saldo positivo de

2.597 postos com carteira assinada de janeiro a abril, de acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). No ano passado, no mesmo intervalo de quatro meses, foram 3.399 vagas destruídas. Em Porto Alegre, de acordo com o Sindicato da Indústria da Construção Civil no Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS), a velocidade de vendas de abril foi a melhor do ano, e outros indicadores observados, vendas e lançamentos, estão em alta no primeiro quadrimestre, enquanto há redução de estoques.

Há, notadamente, duas explicações principais para este quadro. Por um lado, existe o efeito da taxa Selic em patamar

historicamente baixo, o que vem estimulando investimentos que necessitem de um comprometimento de mais longo prazo por quem pretende adquirir um imóvel. Significa, de forma mais clara, um financiamento mais barato. De outro, observa-se desde o ano passado um grande número de reformas em residências. Com a necessidade de ficar mais em casa, aumentou a busca por melhorar as condições do lar. Peculiaridades da atividade e os protocolos

de segurança adotados pelo setor para minimizar o risco de contaminação pela covid-19, da mesma forma, contribuem para que o segmento não tenha sofrido tantas interrupções, como comércio e serviços.

Há preocupações no horizonte, como a alta dos insumos, que impacta os custos da construção,

com repasse inevitável aos preços dos imóveis. Mas, para o setor, um dos principais pontos de atenção é a taxa Selic, que tende a ser moderadamente elevada nos próximos meses. Mesmo assim, permanecerá em patamares baixos, se observado o histórico do juro básico da economia. Para que permaneça assim, ajudando também na confiança de quem tem planos de fazer um investimento considerável e que vai consumir boa parte da renda por muitos meses, é necessário que o governo federal mantenha a situação fiscal sob controle e avance em reformas estruturais que deem a firme percepção de uma trajetória saudável das contas do país.

*Um dos principais pontos de atenção é a Selic, que tende a ser moderadamente elevada, mas permanecerá em patamares baixos, se observado o histórico do juro básico da economia*

## DA RBS

# Bons sinais na construção civil

*A construção civil é, sem dúvida, um dos setores mais importantes da economia. Tanto por sua participação relevante no PIB, incluindo a capacidade de irradiar reflexos na cadeia de insumos e serviços, quanto pelo fato de ser um segmento intensivo de mão de obra. Se vai bem, o que se espera é uma geração considerável de postos de trabalho. Por todas estas razões, é extremamente positivo que a atividade venha demonstrando sinais robustos de recuperação, que surgiram ainda a partir de meados do ano passado.*

Reportagem publicada ontem em Zero Hora mostra que o momento positivo observado no país se repete no Estado e na Capital. Em um período de taxas altas de desocupação, o setor acumula no Rio Grande do Sul saldo positivo de 2.597 postos com carteira assinada de janeiro a abril, de acordo com os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). No ano passado, no mesmo intervalo de quatro meses, foram 3.399 vagas destruídas. Em Porto Alegre, de acordo com o Sindicato da Indústria da Construção Civil no Rio Grande do Sul (Sinduscon-RS), a velocidade de vendas de abril foi a melhor do ano, e outros indicadores observados, vendas e lançamentos, estão em alta no primeiro quadrimestre, enquanto há redução de estoques.

Há, notadamente, duas explicações principais para este quadro. Por um lado, existe o efeito da taxa Selic em patamar historicamente baixo, o que vem estimulando investimentos que necessitem de um comprometimento de mais longo prazo por quem pretende adquirir um imóvel. Significa, de forma mais clara, um financiamento mais barato. De outro, observa-se desde o ano passado um grande número de



**Um dos principais pontos de atenção é a Selic, que tende a ser moderadamente elevada, mas permanecerá em patamares baixos, se observado o histórico do juro básico da economia.**

reformas em residências. Com a necessidade de ficar mais em casa, aumentou a busca por melhorar as condições do lar. Peculiaridades da atividade e os protocolos de segurança adotados pelo setor para minimizar o risco de contaminação pela covid-19, da mesma forma, contribuem para que o segmento não tenha sofrido tantas interrupções, como comércio e serviços.

Há preocupações no horizonte, como a alta dos insumos, que impacta os custos da construção, com repasse inevitável aos preços dos imóveis. Mas, para o setor, um dos principais pontos de atenção é a taxa Selic, que tende a ser moderadamente elevada nos próximos meses. Mesmo assim, permanecerá em patamares baixos, se observado o histórico do juro básico da economia. Para que permaneça assim, ajudando também na confiança de quem tem planos de fazer um investimento considerável e que vai consumir boa parte da renda por muitos meses, é necessário que o governo federal mantenha a situação fiscal sob controle e avance em reformas estruturais que deem a firme percepção de uma trajetória saudável das contas do país.

## DO LEITOR

LUIZ CARLOS FRASSON, DIVULGAÇÃO



"Achei interessante as cores das folhas nos pés de caqui neste tom avermelhado, é o outono/inverno mostrando a cara", descreveu o leitor Luiz Carlos Frasson ao compartilhar o clique feito no caminho para Santa Justina com a gente. Faça como ele e mande suas fotos para leitor@pioneiro.com. Ou use #doleitortpio no Instagram.

## Artigo

# Celebrando o passado, projetando o futuro

TIAGO SIMON  
Deputado federal

No dia 1º de junho de 1910, Caxias do Sul parou para celebrar e comemorar a chegada do trem. "Eis o silvo da locomotiva; eis a nota mais simbólica do progresso humano, eis enfim para nós caxienses, principalmente, um sonho realizado". Essas foram as emocionadas palavras do discurso do alfaiate e comerciante Rodolpho Braghirolli, naquele memorável dia. O Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami conserva essas e outras preciosidades que permitem a reconstituição histórica da época, como exemplares do jornal "O Brasil", e depoimentos como de Guerino Angelo Boff, na época com seis anos de idade, um dos 32 mil habitantes da Caxias do Sul de 1910: "Eu fui lá com meu pai. Quando o trem chegou, as pessoas diziam que era a carreta sem boi, porque

naquele tempo não tinha automóvel, nem caminhão". Naquele mesmo dia, Caxias do Sul era elevada à condição de cidade, por decreto do então presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Carlos Barbosa. "Imagina os foguetes. Não parava mais, parecia uma revolução. A chegada do trem foi uma grande coisa para Caxias", testemunhou Graciema Paternoster Pieruccini, então com 18 anos de idade e registrado no Banco de Memórias do Arquivo Histórico Municipal.

Em 1977, o último trem de passageiros partiu de Caxias do Sul rumo a Porto Alegre, restando apenas o transporte de carga pesada, afinal extinto em 1994.

Passados 111 anos dessa epopeia, Caxias do Sul e a Serra gaúcha voltam a se mobilizar em defesa dos investimentos no transporte ferroviário. Um dos projetos em andamento é o Trem

Regional da Serra Gaúcha, que integra os municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi, Carlos Barbosa, Farroupilha e Caxias do Sul, para fins turísticos e transporte de passageiros. Por outro lado, lideranças empresariais e comunitárias, mobilizadas em torno do Mobi Caxias, um movimento amplo e plural em defesa das causas da cidade e da região, elegeram o transporte ferroviário como uma das prioridades. E recentemente tiveram uma grande conquista: a inclusão no Plano Nacional de Logística (PNL) da proposta de ativação do ramal rodoferroviário de Vacaria para o transporte de cargas, estratégico por ser próximo do futuro Aeroporto da Serra Gaúcha, em Vila Oliva. Também está em estudo e entre as reivindicações um ramal de cargas ligando a Serra à Ferrovia Norte Sul, que passaria pelo Norte e Centro do Estado até o Porto de Rio Grande.

Fotos de leitores, cartas com até 200 caracteres e artigos com 2.100 caracteres devem ser enviados para o email leitor@pioneiro.com, com nome completo, profissão, endereço, telefone e CPF do autor. As fotos também podem ser postadas no Instagram com a #doleitortpio. Os textos estão sujeitos a edição.

## SINDUSCON-RS

# Aumento dos preços de insumos na construção

“Nós temos o aumento de insumos, o aumento da taxa básica de juros e também a crise hídrica. Não faltam desafios, mas as estimativas mostram que o nosso PIB vai crescer em 2021. A balança comercial continua aquecida e, agora com a taxa de juros maior, poderemos também atrair mais capital. Já a valorização da moeda é fundamental para uma contrapartida ao aumento do preço em dólar que alguns insumos ainda mostram no mercado internacional”, afirmou o coordenador do Índice de Preços ao Consumidor (IPC), da Fundação Getúlio Vargas

(FGV), o economista André Braz, durante o debate virtual sobre o tema “Impacto dos aumentos dos insumos nos contratos e na relação com o cliente”, promovido pelo Sinduscon-RS.

Ao fazer uma apresentação sobre a pesquisa de comportamento de índices dos preços dos insumos, Braz revelou que os materiais e equipamentos de construção civil registraram a maior inflação acumulada em 12 meses do setor. Ele destacou que no Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA), os insumos tiveram alta de 38,66% em um ano. “Os preços de insumos, co-

mo o vergalhão de aço, foram reajustados, e as construtoras que tiveram que cumprir os prazos de entrega de seus contratos e aceitar os aumentos”, afirmou Braz. Segundo o economista, a FGV iniciou um esforço para modernizar o índice e entender que tipo de materiais e serviços fazem parte da estrutura da construção e qual a importância relativa quanto ao custo total das obras. “Estabelecemos uma parceria com 24 empresas da construção espalhadas pelo território nacional, para uma revisão metodológica do orçamento analítico de empreendimentos.”

# Alta no preço do aço prejudica a recuperação econômica de muitos setores econômicos



Tags: Sinduscon

**Multimídia:**

**<http://midia.smi.srv.br/video/2021/06/22/RBSTVAFGLOBORS-19.30.27-19.34.28-1624401412.mp4>**